



Milhas a serem devoradas com a frota a todo o gás em direção a Newport

POR NÁUTICA PRESS EM 2 MAIO, 2018

NOTÍCIAS

As equipas da Volvo Ocean Race estão a aproveitar a velocidade dos ventos alísios, como se estivessem numa pista, para os levar a altas velocidades até próximo do final da 8ª etapa em Newport, Rhode Island.

Na frente o Brunel continua a marcar o ritmo a mais de 22 nós, a mesma velocidade do vento, e com uma pequena vantagem de 15 milhas sobre o segundo classificado, o Dongfeng Race Team.

O trio da frente, que também inclui o Turn the Tide on Plastic, estão separados por menos de 30 milhas de distância, enquanto a batalha pela supremacia na 8ª etapa continua no décimo dia nesta etapa. Pouco mais de 2.300 milhas separam os líderes da linha de chegada.

Apesar da navegação rápida, as tripulações enfrentam um “inimigo” comum que pretende reduzir-lhes a velocidade: as grandes quantidades de algas atlânticas.

A erva daninha do mar, o sargaço, tem o nome do Mar dos Sargaços, a região do Atlântico Norte, que se estende da costa dos Estados Unidos até às Caraíbas.

O sargaço tem criado problemas para os velejadores desde os tempos do Vasco da Gama, e agora mais de 500 anos depois, continua a causar estragos na frota da Volvo Ocean Race.

As algas presas no patilhão, na quilha ou no leme podem fazer uma equipa perder vários nós de velocidade, além de afetar o controlo que o leme tem sobre o barco.

“Temos muita água a varrer o deck constantemente e na água que lava o convés há abundância de erva daninha, sargaço”, disse Dee Caffari, do Turn the Tide on Plastic.

“O barco parece mais um jardim, com arbustos verdes em toda parte. Sentimos que não controlamos completamente o leme, mas quem leva o barco ainda assim tenta rodar o leme.”

“Uns movimentos para sotavento e podemos novamente ter o controle, mas isto não é nada bom. Sentimos as vibrações a crescer e o barulho da cavitação à volta do leme.

“Sem o fluxo da água, não há direção e o barco não segue a direito. Mais uma vez viramos a roda do leme para sotavento, ao olharmos para trás do barco vemos uma enorme cauda de galo confirmando o que pensamos, uma grande quantidade de sargaço presa ao redor do leme, o que provoca uma enorme instabilidade.”

“O barco ainda quer ir mais rápido, mas parece que está no limite, já que diminui a velocidade apesar do vento e das ondas. Por vezes fazemos o barco virar a favor do vento, a erva solta-se, o leme fica sem ervas daninhas, a cauda do galo desaparece e a cavitação pára.

“Retomamos o controle e voltamos a acelerar de novo. A imensa alegria de navegar por esta área de ervas daninhas.....!

A tripulação do MAPFRE, de Xabi Fernández, estava igualmente com problemas com o sargaço quando tentavam subir do quinto lugar, cerca de 75 milhas atrás dos líderes.

“É muito chato, porque podemos ver como a velocidade do barco diminui, às vezes até perdemos a direção do barco porque o leme está cheio de algas e não permite que se leve o barco normalmente”, disse Pablo Arrarte.

O MAPFRE também sofreu uma desaceleração temporária quando um de seus cabos da direção se partiu, mas o trabalho rápido do boat-captain Antonio ‘Neti’ Cuervas-Mons fê-los regressar à normalidade em 30 minutos.

O Team Sun Hung Kai / Scallywag está 200 milhas atrás do Brunel, mas estavam a sofrer do mesmo mal, a erva daninha s“argaço”.

“Há algas em todo o lado echeira”, disse Alex Gough, “embora não tenhamos a certeza se é da alga marinha ou o do Nipper (Ben Piggott) !!”

8ª etapa – Classificação às 15:30 UTC – 2 de maio de 2018

1. Brunel (Bouwe Bekking) 228,41 milhas para o final.
2. Dongfeng (Charles Caudrelier) + 17,79 milhas
3. Turn the Tide on Plastic (Dee Caffari) + 28,49 milhas
4. Vestas 11th Hour Racing (Charlie Enright) + 47,10 milhas
5. MAPFRE (Xabi Fernandez) + 76,38 milhas
6. AkzoNobel (Simeon Tienpont) + 97,37 milhas
7. Sun Hung Kai/Scallywag (David Witt) + 213,70 milhas